

**“Do conhecimento acadêmico à transformação sustentável: inovação com validação científica”****TRILHAS DE PEREGRINAÇÃO COMO ASCESE ECOLÓGICA E TECNOLOGIA DE CURA: UMA ANÁLISE DE ROMARIAS RUMO À APARECIDA/SP**Geovana F. Paes<sup>1</sup> (IC), Paulo C. Nunes (PQ)<sup>1</sup><sup>1</sup>Universidade Federal de Itajubá**Palavras-chave:** Trilhas de Peregrinação. Ascese Ecológica. Espiritualidade.**Introdução**

Atualmente, muito se discute no ambiente acadêmico sobre a ameaça de uma crise climática catastrófica, beirando incessantemente um “ponto de não retorno”. A irrupção de eventos socioambientais cada vez mais extremos nos alerta sobre a importância do debate sobre o Antropoceno<sup>1</sup>. Mas no que consiste o termo? O Antropoceno é reconhecido como uma nova época geológica marcada pelo profundo impacto da ação humana, que altera significativamente a estrutura e o comportamento de componentes de larga escala do sistema Terra (Marques, 2022). O ser humano deixa de ser apenas um co-habitante para tornar-se uma força geológica de destruição do seu próprio habitat. Uma outra análise do termo nos permite compreender que esse impacto não apenas afeta a perda da biodiversidade, como também incita a gradativa desagregação das relações situadas entre seres humanos, não-humanos e mais-que-humanos<sup>2</sup> (Amadeo e Solórzano, 2022).

Quase sessenta anos atrás, em uma publicação para a revista *Science* na segunda metade da década de 60, o historiador norte-americano Lynn White (1967) atentou para o papel da doutrina judaico-cristã na crise ecológica que eclodiu no século passado. Para ele, precisamos rejeitar o axioma cristão de que a natureza foi criada para servir ao homem, como afirma o relato bíblico da criação. Considerar essas duas esferas, humano e natureza, cartesianamente separadas, de maneira articulada nos discursos religiosos é o “remédio” necessário para combater o avanço da atual crise climática. Como afirma White, se jaz na religião a causa do problema, é a partir dela que deve ser trabalhada uma forma de revertê-lo.

White (1967) propôs à comunidade cristão-judaica uma reconexão com a natureza como parte de um novo sistema de crenças, capazes de colocar ser humano e não-humano em um mesmo patamar pela fraternidade criatural que lhes é constitutiva (Ponte, 2012). Nesse movimento, antigas práticas e rituais cristãos têm sido resgatados e reformulados, como é o caso das rotas de peregrinação, que se popularizaram no Brasil a partir do início do século XXI (Steil e Carneiro, 2008). No Sudeste Brasileiro, a de maior destaque, é o Caminho da Fé, uma rota com mais de 300 Km, com início no município de Águas da Prata/SP e destino a Aparecida/SP, levando romeiros, peregrinos e turistas ao Santuário de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, maior centro de peregrinação religiosa da América Latina.

As trilhas de peregrinação modernas caracterizam-se por uma experiência pessoal do sagrado, subjetiva, que se distancia das formas ritualísticas institucionalizadas das religiões mais tradicionais. Carvalho e Steil (2008) denominam essa nova forma de peregrinação como “práticas de cultivo de si”, nas quais o corpo, em contato com o ambiente, pode ser interpretado como tecnologia para o alcance do aperfeiçoamento pessoal, por meio do cuidado físico, mental e espiritual; aproximando a ideia de técnicas do corpo de Mauss (1993) ao conceito das tecnologias do eu expresso por Foucault (1982).

Embora observa-se uma literatura crescente sobre a conexão entre práticas espirituais e práticas corporais, poucos estudos têm explorado de maneira sistemática como as peregrinações contemporâneas em meio à natureza podem ser compreendidas como práticas de ascese ecológica. Nesse sentido, a presente investigação se distingue ao propor uma leitura que articula a crítica de White (1967) com a noção foucaultiana de cuidado de si, observando o corpo não apenas como mediador de experiências religiosas, mas como dispositivo ecológico-espiritual de reconexão com o meio ambiente. Argumentando a favor do enfoque de White (1967), o objetivo da presente pesquisa é compreender as práticas espirituais em meio à natureza como forma de uma

<sup>1</sup> O Antropoceno, do grego "anthropos" (humano) e "kainos" (novo), foi popularizado pelo químico Paul Crutzen, em 2000.

<sup>2</sup> Amadeo e Solórzano (2022) identificam os seres não-humanos como componentes do ambiente natural, portanto, árvores, rios, montanhas e os seres-mais-que-humanos se referem às entidades espirituais e divindades.

**“Do conhecimento acadêmico à transformação sustentável: inovação com validação científica”**

ascese ecológica, assim como identificar, no discurso dos romeiros, o corpo como dispositivo tecnológico para o cuidado de si Foucault (1982).

**Metodologia**

Buscando adensar a discussão acadêmica na intersecção entre espiritualidade, corporeidade e temática socioambiental, desenvolveu-se inicialmente uma revisão bibliográfica de publicações acadêmicas na Plataforma Capes Periódicos, a partir dos termos “Ascese ecológica”, “Trilhas de peregrinação”, “Ecologia espiritual” e “Relação humano-natureza”.

Em seguida foram selecionadas as publicações que melhor atenderam aos objetivos da presente pesquisa, com destaque para as publicações cujo objeto de estudo foram trilhas de peregrinação na região Sudeste. Para complementar a escassa literatura escrita a respeito das romarias rumo à Aparecida/SP, que em sua maioria não são de cunho científico, a revisão bibliográfica ocorreu também em *sites* de paróquias e dioceses que possuem acervos de estudos sobre o tema.

Ademais à revisão bibliográfica, foram realizadas, ao todo, nove entrevistas semiestruturadas com peregrinos que já percorreram trilhas de peregrinação rumo ao Santuário Nacional de Aparecida, os quais receberam nomes fictícios como garantia de anonimato. Com vistas a alinhar o recorte empírico aos objetivos da pesquisa, a seleção de participantes concentrou-se em romeiros vinculados à área da educação, privilegiando, em especial, professores da educação básica. Nosso objeto de estudo alinha-se às práticas de romaria ligadas à igreja católica. Assim, o discurso dos entrevistados por vezes revelou-se atravessado por uma moral religiosa, marcada pelo misticismo, impondo desafios à sua tradução em uma perspectiva mais científica.

Para lidar com esse desafio, as entrevistas foram tratadas a partir de uma análise qualitativa de caráter interpretativo, inspirada nos pressupostos da análise de conteúdo de Bardin (2011). O material transcrito foi revisado, permitindo a identificação de categorias emergentes relacionadas à corporeidade, à espiritualidade e às práticas de cuidado de si em meio à natureza. Essa etapa interpretativa buscou compreender como os sentidos atribuídos à experiência da peregrinação revelam tensões entre o campo religioso, corporal e socioambiental.

Além disso, adotou-se uma postura hermenêutica, voltada para captar os significados implícitos nas narrativas e compreender como os discursos articulam a

experiência subjetiva das caminhadas e a discussão teórica sobre ascese ecológica, de modo a evidenciar como o corpo, no ato da peregrinação, pode ser interpretado como dispositivo tecnológico de mediação entre fé, natureza e cuidado de si.

Assim, o perfil definido buscou contemplar entrevistados capazes de produzir narrativas situadas na intersecção entre o discurso religioso e a reflexão acadêmica, evidenciando tensões e articulações possíveis entre esses dois regimes de sentido.

**Resultados e discussão**

Adam (2018) identifica a peregrinação como o ato de “rezar com os pés”, quando distâncias longínquas são percorridas, expondo corpos de romeiros ao extremo limite físico e psicológico como exercício de expurgo dos pecados e impurezas para, assim, livrar-se do senso de incompletude que a vida cotidiana, inexoravelmente impõe sobre eles. Sustentados pelos estudos de Steil e Toniol (2011), é possível atribuir ao corpo o papel de figura central para as trilhas de peregrinação, pois é através dele que o ser religioso estabelece um fluxo constante entre alma, mente e experiência física.

Pedro completou a romaria para Aparecida/SP pela primeira vez em 2024. Embora percorra outras rotas de peregrinação, ele comenta sobre sua nova experiência:

*“A experiência, ela junta duas coisas, físico e religioso, é uma mistura dos dois. Eu já esperava por isso, então a peregrinação já é tipo uma reflexão. O desgaste físico ele te leva a refletir, e o contato com a natureza, ele acaba, vamos dizer assim, te transportando pra um outro mundo.”*

Na intersecção entre corpo e fé, observou-se que os romeiros atribuem sentidos à importância da peregrinação como aperfeiçoamento de si, independente das limitações físicas que enfrentam. Baltasar, um peregrino iniciante, reflete sobre a dificuldade do caminho: “Não é sacrifício. [...] Eu encarei como um exercício de fé, de fortalecer a minha fé.”. Na romaria, o corpo é o instrumento através do qual o devoto busca evoluir espiritualmente. Assim, a dor conecta corpo e alma pois, ao atravessar o limite físico, o sujeito experimenta uma forma de ascese: transforma sua relação consigo mesmo e se purifica. Ao completar o caminho e chegar até a imagem da Santa Aparecida, metaforicamente, ele deixa de ser humano para tornar-se sagrado. Tecendo um paralelismo com a visão de Foucault (1982), esse sofrimento físico pode não ser

**“Do conhecimento acadêmico à transformação sustentável: inovação com validação científica”**

apenas um limite biológico, mas um cuidado de si<sup>3</sup>, na medida em que o sujeito se submete a um regime de esforço e dor que o purifica e dá disciplina, agraciando-lhe de trabalho espiritual.

Para Carvalho e Steil (2008), na medida em que as práticas religiosas de peregrinação tornam-se mais frequentes, também se tornam as práticas ecológicas, que atuam como mediação religiosa na busca do sagrado. Assim, em extensão ao corpo, o ambiente físico também é importante para a purificação espiritual do ser, uma vez que é na paisagem natural onde as relações entre religião, sujeito e natureza se estabelecem (Steil e Toniol, 2011). Filipe, peregrino há mais de 20 anos, reflete sobre a importância da natureza em sua caminhada:

*“Eu penso, creio, que estando na natureza, principalmente na Serra da Mantiqueira, a gente está mais perto de Deus, mais perto das coisas boas, mais perto das coisas puras, a gente respira o ar puro, a gente toma da água da cachoeira, que é (pura). Então a gente sente uma conexão muito maior (com Deus) estando na serra.”*

A natureza oferece um escape do cotidiano, vivido no meio urbano; *fugere urbem*<sup>4</sup>. Esse ambiente natural, não-humano, apresenta-se como um local estável onde é possível o cultivo de si e do ambiente. Nessa perspectiva, as mudanças corporais e mentais observadas por João durante a caminhada podem ser compreendidas à luz do conceito foucaultiano de 'tecnologias do eu' (Foucault, 1982), na medida em que a experiência do deslocamento e da imersão na natureza opera como prática do cuidado de si, permitindo ao sujeito elaborar uma relação reflexiva e transformadora consigo mesmo.

*“Eu acho que tira a gente do modo desesperado, né? Porque hoje tudo é corrido. A minha vida mesmo, eu falo, é uma correria.[...] Então, você ter esse momento, assim, na caminhada, você contemplar a natureza, eu acho, assim, que ajuda, sabe, a gente a desacelerar um pouco.”*

Através dos estudos de Steil e Toniol (2011), é possível afirmar que a romaria caracteriza-se como uma prática ecológica, pois, além de ambientar-se grande parte em

ambientes não urbanos, ela influencia as relações que passam a ser estabelecidas entre romeiros e a natureza. O cuidado com o ambiente passa a fazer parte de um sistema de crenças religiosas e ecológicas que visam situar o peregrino no mundo natural, físico. É essa a reconexão entre ser humano e não-humano que argumentava White (1967), capaz de conscientizar o ser religioso da sociedade recíproca na qual essas duas esferas compartilham o mesmo espaço terrestre.

No cruzamento entre esses polos, foi possível observar o fortalecimento de uma relação respeitosa e simétrica dos peregrinos com o ambiente natural. A partir da reformulação dessa relação, inicia-se um processo de sacralização da natureza e naturalização do sagrado (Carvalho e Steil, 2008). Francisco, peregrino há mais de quarenta anos, comenta sobre sua relação com a paisagem:

*“Os animais tornam a conexão da gente (com Deus) maior. Os elementos da natureza tornam. Às vezes, quando a gente tá muito cansado, [...] mais introspectivo, você para matar sua sede na beira de um regato que você vê que é limpo, um lugar que é limpo mesmo, você sente tanta presença de Deus ali, você toma aquela água, aquela água tem um outro sabor, um sabor muito diferente.”*

Ana, também peregrina há longos anos, comenta sobre a conexão especial que passou a ter com as plantas após sua primeira romaria:

*“Eu costumo falar que Deus fala comigo através das plantas. Porque é onde eu mais presto atenção. Então, a natureza tem tudo a ver. Tem gente que passa batido, que não olha nada. E perto de mim eu vejo tudo isso.[...] Inclusive eu atrasei (para a entrevista) porque eu estava mudando um vaso de lugar.”*

Assim constitui-se a ascese ecológica, como um indicativo da incorporação da natureza no processo de purificação do ser, oferecendo um local de estabilidade para o aperfeiçoamento do ser religioso em um ser sagrado. Os elementos naturais oferecem ao peregrino uma manifestação da presença de Deus em sua caminhada, uma confirmação da validade de sua purificação espiritual.

Ademais, o recorte estipulado de romeiros e professores mostrou-se eficaz para a obtenção de resultados para a pesquisa. Observou-se que os relatos acerca da conexão espiritual de todos os entrevistados foram influenciados por uma herança religiosa, com menções acerca da

<sup>3</sup> Para Foucault (1982), o cuidado de si envolve “um conjunto de práticas pelas quais o sujeito se constitui a si mesmo como objeto de conhecimento e de transformação”.

<sup>4</sup> *Fugere urbem* é uma expressão em latim que significa "fugir da cidade" e representa o ideal de abandonar a vida urbana agitada em busca da tranquilidade e simplicidade do campo.

“Do conhecimento acadêmico à transformação sustentável: inovação com validação científica”

presença de Deus e da Virgem Maria no caminho até Aparecida/SP. Contudo, a reflexão ambiental presente nos discursos foi muito influenciada pela experiência profissional dos romeiros enquanto professores, com relatos de sua participação em projetos escolares de ecologia e da educação ambiental que eles trabalham em sala de aula.

### Conclusões

A análise das práticas de peregrinação rumo a Aparecida/SP evidencia como o corpo e a natureza se entrelaçam em um processo de ascese ecológica, no qual o esforço físico, a experiência espiritual e a imersão do ser em ambientes naturais constituem um caminho de purificação e cuidado de si, de acordo com a perspectiva foucaultiana. Essas práticas revelam novas formas de espiritualidade contemporânea, marcadas pela subjetividade e pela valorização da experiência direta com o sagrado em meio à natureza.

Nesse movimento, os peregrinos ressignificam sua relação com o ambiente natural, identificando nele um caráter sagrado e estabelecendo uma ética de respeito entre o humano e o não-humano. Assim, a romaria não apenas reafirma a fé individual, mas também oferece uma via possível de reconexão simbólica entre ser humano e natureza, em consonância com os desafios do Antropoceno e com a urgência de repensarmos nossas práticas socioambientais diante da crise ecológica atual.

### Agradecimentos

Ao apoio institucional da UNIFEI e do Núcleo OFF - Grupo de Estudos em Cultura, Educação e Linguagens. Ao PIBIT CNPq, pela concessão de bolsas de iniciação científica.

### Referências

ADAM, Júlio César. *Entre peregrinação, turismo e liminaridade: a busca por lugares*. **Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, [S.l.], v. 16, n. 49, p. [--], 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/9579896.pdf>. Acesso em: 07 out. 2024.

AMADEO, T. de L. R.; SOLÓRZANO, Alexandro. *Ecologias Espirituais: Relação entre Espiritualidade e Conservação da Sociobiodiversidade*. **Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science**, 2022. V. 11, n. 3, p. 98-117. Disponível em:

<https://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/fronteiras/article/view/6521/4568>. Acesso em: 4 fev. 2025.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura; STEIL, Carlos Alberto. *A sacralização da natureza e a ‘naturalização’ do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade*. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, v. 11, n. 2, p. 289–305, jul./dez. 2008. DOI: 10.1590/S1414-753X2008000200006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/asoc/a/pTPF5DVZO8qWnGPf4pWBYGg/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 7 jan. 2025.

CRUTZEN, Paul J.; STOERMER, Eugene F. *The “Anthropocene”*. **IGBP Global Change Newsletter**, Estocolmo, n. 41, p. 17-18, maio 2000.

FOUCAULT, Michel. *Technologies of the Self: lectures at University of Vermont in October 1982*. [S.l.], 1982. Disponível em: <https://foucault.info/documents/foucault.technologiesOfSelf.en/>. Acesso em: 22 ago. 2025.

MARQUES, Luiz. *O decênio decisivo: propostas para uma política de sobrevivência*. Campinas: Editora da Unicamp, 2022.

MAUSS, Marcel. *Les techniques du corps*. [PDF online]. Ano original: 1936. Disponível em: [https://monoskop.org/images/b/bb/Mauss\\_Marcel\\_1935\\_2003\\_As\\_tecnicas\\_do\\_corpo.pdf](https://monoskop.org/images/b/bb/Mauss_Marcel_1935_2003_As_tecnicas_do_corpo.pdf). Acesso em: 21 ago. 2025.

PONTE, M. N. Q. *A doutrina judaico-cristã da Criação face à hodierna crise ecológica: aproximação histórico-teológica a partir da crítica de Lynn White Jr*. **Pensar – Revista Eletrônica da FAJE**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 49–63, 5 jun. 2012. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/view/1613/1950>. Acesso em: 21 ago. 2025.

STEIL, Carlos Alberto; CARNEIRO, Sandra de Sá. *Peregrinação, turismo e nova era: caminhos de Santiago de Compostela no Brasil*. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 105–124, jul. 2008. DOI: 10.1590/S0100-85872008000100006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/8tFNSCDLGN5Y5KcnJnvvm6b/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 9 jan. 2025.

STEIL, Carlos Alberto; TONIOL, Rodrigo. *Ecologia, corpo e espiritualidade: uma etnografia das experiências de caminhada ecológica em um grupo de ecoturistas*. **Caderno CRH**, Salvador, v. 24, n. 61, p. 29–49, jan./abr. 2011. DOI: 10.1590/S0103-49792011000100003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/crrh/a/SRVtB8PWLN8pkdNP95WMt>

## “Do conhecimento acadêmico à transformação sustentável: inovação com validação científica”

[pn/?format=html&lang=pt](#). Acesso em: 6 fev. 2025.

WHITE, Lynn Townsend Jr. *The historical roots of our ecologic crisis*. **Science**, v. 155, n. 3767, p. 1203–1207, 10 mar. 1967. Disponível em: <https://www.uvm.edu/~gflomenh/courses/ENV-NGO-PA395/articles/Lynn-White.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2025.